SOBRE A ARTE, CULTURAS E REEXISTÊNCIA: OLHARES PARA O MOVIMENTO NEGRO EDUCADOR NA CONTEMPORANEIDADE

Ana Lucia Silva Souza[1]
Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, Bahia, Brasil.

Paulo Melgaço da Silva Junior[2]
Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Escola Estadual de Dança Maria Olenewa, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

María Laura Pardo[33]
Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, Buenos Aires, Argentina.

Resumo: Neste artigo, apresentamos a entrevista realizada com as professoras Ana Lúcia Silva Souza (Universidade Federal da Bahia), com o Prof. Paulo Melgaço da Silva Júnior (Theatro Municipal do Rio de Janeiro) e com a Prof. María Laura Pardo (CONICET-FFyL-UBA). Nesta, os/as professores/as discutem temáticas vinculadas ao trabalho da Prof. Nilma Lino Gomes sobre o Movimento Negro Educador, que dá nome ao projeto de pesquisa à qual pertencem os/as entrevistados/as. A arte como veículo de libertação e identidade, a importância do corpo e do discurso como manifestação da subjetividade, grupos em situação de vulnerabilidade que compartilham lutas com o Movimento Negro e a relação sul-sul são alguns dos tópicos que atravessam este artigo a partir de uma perspectiva crítica, interseccional e decolonial.

Palavras-Chave: Movimento Negro Educador; Arte; Discurso; Corpo.

[1] Professora do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Mestrado Profissional ProfLetras. Liderança do Grupo de Pesquisa Rasuras: letramentos de reexistência na diáspora negra. E-mail: analusilvasouza@uol.com.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2459-2042.
[2] Professor, pesquisador e vice-diretor da Escola Estadual de Dança Maria Olenewa no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Professor colaborador no Mestrado Profissional em Ensino da Artes Cênicas (PPGEAC Unirio) e na Educação Básica na rede municipal de Duque de Caxias (RJ). E-mail: pmelgaco@uol.com.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0352-8500.
[3] Investigadora Principal do Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Técnica (CONICET) – Professora Adjunta da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. E-mail: pardo.linguistica@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8064-5401.

ABOUT ART, CULTURES AND REEXISTENCE: VIEWS ON THE BLACK MOVEMENT EDUCATOR IN CONTEMPORARY TIMES

Abstract: In this article, we present an interview with Professors Ana Lúcia Silva Souza (Federal University of Bahia), Professor Paulo Melgaco da Silva Júnior (Municipal Theatre of Rio de Janeiro), and Professor María Laura Pardo (CONICET-FFyL-UBA). In this interview, the professors discuss themes linked to Professor Nilma Lino Gomes's work on the *Movimento Negro Educador*, which lends its name to the research team to which the interviewees belong. Topics such as art as a vehicle of liberation and identity, the importance of body and discourse as manifestations of subjectivity, vulnerable groups who share struggles with the Black movement, and South–South relations are explored from a critical, intersectional, and decolonial perspective.

Keywords: *Movimento Negro Educador*; Art; Discourse; Body.

SOBRE ARTE, CULTURA Y REEXISTENCIA: MIRADAS SOBRE EL MOVIMIENTO NEGRO EDUCADOR EN LA CONTEMPORANEIDAD

Resumen: En este artículo, presentamos la entrevista realizada con las profesoras Ana Lúcia Silva Souza (Universidade Federal da Bahia), con el Prof. Paulo Melgaco da Silva Júnior (Theatro Municipal do Rio de Janeiro) y con la Prof. María Laura Pardo (CONICET-FFyL-UBA). En ella, los/las profesores/as discuten temáticas vinculadas al trabajo de la Prof. Nilma Lino Gomes sobre el Movimiento Negro Educador, que da nombre al equipo de investigación al cual pertenecen los entrevistados. El arte como vehículo de liberación e identidad, la importancia del cuerpo y del discurso como manifestación de la subjetividad, los grupos en situación de vulnerabilidad que comparten luchas con el movimiento negro y la relación sur-sur son algunos de los tópicos que atraviesan este artículo desde una perspectiva crítica, interseccional y decolonial.

Palabras-clave: Movimiento Negro Educador; Arte; Discurso; Cuerpo.

DE L'ART, DES CULTURES ET DE LA RÉEXISTENCE: REGARDS SUR LE MOUVEMENT MORIR ÉDUCATEUR DANS LA CONTEMPORANÉITÉ

Résumé: Dans ce article, nous présentons l'entretien réalisé avec les professeures Ana Lúcia Silva Souza (Universidade Federal da Bahia), le Prof. Paulo Melgaço da Silva Júnior (Theatro Municipal do Rio de Janeiro) et la Prof. María Laura Pardo (CONICET-FFyL-UBA). Dans cet entretien, les professeur·e·s discutent des thématiques liées aux travaux de la Prof. Nilma Lino Gomes sur le Mouvement Noir Éducateur, qui donne son nom à l'équipe de recherche à laquelle appartiennent les personnes interrogées. L'art comme vecteur de libération et d'identité, l'importance du corps et du discours comme manifestation de la subjectivité, les groupes en situation de vulnérabilité qui partagent des luttes avec le mouvement noir, ainsi que la relation Sud Sud

figurent parmi les sujets qui traversent cet article dans une perspective critique, intersectionnelle et décoloniale.

Mots-clés: Mouvement Noir Éducateur; Art; Discours; Corps.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, os/as professores/as Ana Lúcia da Silva, Paulo Melgaço da Silva e María Laura Pardo discutem a obra da Prof. Nilma Lino Gomes O Movimento Negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes, cuja relevância está em abordar, de maneira profunda e reflexiva, o papel do Movimento Negro no Brasil em relação a uma educação para a diversidade étnico-racial e à necessidade de alcançar uma série de mudanças por meio de Ações Afirmativas.

No formato de entrevista, os/as autores/as analisam, a partir de uma perspectiva crítica, interseccional e decolonial, o papel da arte como território de libertação, construção de identidades a importância do corpo e do discurso como manifestação da subjetividade, bem como as maneiras pelas quais grupos socialmente minorizados compartilham história de lutas em diálogo com o Movimento Negro Educador sob o prisma da relação sul-sul que se estabelece em meio às suas práticas. Defende-se, consequentemente, uma educação na qual as reexistências possam informar modos de questionar a problematização em relação aos espaços cristalizados nos quais se busca enquadrar os discursos e também propor caminhos para reconhecimento do corpo e mente em sua complexidade e a revalorização da arte em todas as suas manifestações. Também há a ênfase em relação a união forças junto a outros grupos sociais que vêm sofrendo a violação de seus direitos, como as pessoas em situação de rua, as pessoas LGBTQIAPN+ e os povos originários, entre outros.

ENTREVISTA

ANA LUCIA SILVA SOUZA (ALSS): Vamos começar a entrevista, uma rodada de diálogos dentro da proposta de nosso projeto *O Movimento Negro Educador: discursos, práticas e saberes em circulação na América Latina.* Vamos nos revezar, fazendo uma apresentação e depois as perguntas respondendo uma a uma.

Sou Ana Lucia Silva Souza, me chamam de Analu, Professora do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. E eu pergunto aqui à minha colega Laura e ao meu colega Paulo: *como vocês conectam o conceito de Movimento Negro Educador,* desenvolvido pela professora Nilma Lino Gomes com seu campo de pesquisa?

MARIA LAURA PARDO (MLP): Boa tarde a todos. Eu sou Maria Laura Pardo, sou Professora da Universidade de Buenos Aires e investigadora principal do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (CONICET) da Argentina. O Movimento Negro Educador, do conceito desenvolvido por Nilma, se conecta com a minha investigação, sobretudo porque trabalho em outros movimentos que também poderiam ser considerados educadores, como o Movimento Nacional de Situação de Rua, as pessoas em situação de rua e as pessoas em situação de pobreza. Acredito que há uma interrelação entre o Movimento Negro Educador e esses outros movimentos e nesse sentido o meu projeto, busca, principalmente numa perspectiva de cultura decolonial e discursiva, um diálogo sul-sul entre os diferentes movimentos das chamadas, ou mal chamadas, às vezes, minorias.

PAULO MELGAÇO DA SILVA JUNIOR (PMSJ): É um prazer enorme conversar com Analu e Laura. Eu sou Professor no Theatro Municipal do Rio de Janeiro e na Educação Básica na periferia do Rio de Janeiro. Na minha linha de pesquisa, trabalho com artes e cultura negra. Trabalho com masculinidades negras, e no Theatro Municipal com o ensino da Dança Clássica. Então, o Movimento Negro Educador será muito utilizado na minha linha de pesquisa,

pois um dos idealizadores do Movimento Negro, Abdias Nascimento, também foi um dos fundadores do Teatro Experimental do Negro, que buscava exatamente a transformação, a emancipação, a ocupação de espaços por pessoas negras. E o Teatro Experimental do Negro, teve o espetáculo inaugural em 1945, exatamente dentro do Theatro Municipal, lugar onde hoje trabalho, onde desenvolvo as minhas pesquisas que versam principalmente sobre o corpo negro na Dança Clássica. Assim como Abdias nos mostrava, o negro para além de trabalhar as culturas próprias, pode interpretar, viver todo e qualquer personagem, assim como ele, eu defendo: podemos dançar todo e qualquer estilo de dança. Portanto, a interseção do conceito Movimento Negro Educador na minha pesquisa é a busca pela conscientização de quem somos, como somos, onde estamos e como podemos ocupar diversos espaços. Uma busca pela emancipação. Já na Educação Básica o foco está na representatividade. Conhecer corpos negros, personalidades negras que possam incentivar, fazer com que as crianças tenham uma perspectiva de futuro.

ALSS: Essa pergunta é um presente, para mim. Eu venho das Ciências Políticas e Sociais na minha graduação e mestrado. Posteriormente, no doutorado, fui para o campo de Estudos da Linguagem. Desde a graduação, pensava na importância dos usos sociais da linguagem. Não havia ainda nos anos de 1980, o conceito de letramento circulando no Brasil. Por isso mesmo, apenas mais tarde, compreendi que há tempos pensava na perspectiva dos letramentos, pois me interessava muito saber, indagar, como os sujeitos usam a linguagem no cotidiano, como discurso, como prática social, como luta e também como possibilidades de emancipação. E sempre foi muito importante na minha vida participar desde cedo dos movimentos negros em São Paulo. No meu doutorado, comecei a trabalhar com os letramentos no movimento cultural *hip hop*. Me interessa muito a chave que Elaine Nunes elaborou em sua dissertação de mestrado em 1996, propondo a cultura *Hip Hop* como uma nova etapa do Movimento Negro no Brasil. Nisso, vamos pensar o Movimento Negro numa dimensão ampla, desde a travessia do Atlântico para cá estamos em

Movimento Negros. E, como disse Professora Nilma Lino Gomes, recentemente, em março de 2025, em seu discurso quando na outorga do Diploma *Honoris Causa* para Racionais MCs, na Univeridade Estadual de Campinas - Unicamp: "Hip hop é Movimento Negro, hip hop é cultura, hip hop é política." Então, pensar sobre esse movimento é importante para mim, e nas minhas pesquisas é perceptível o enfoque. O que me interessa é pensar os usos sociais da linguagem pelos grupos socialmente minorizados, em especial, coletivos e movimentos negros juvenis, que como nós, lutam e agimos por meio da linguagem e, no que diz respeito ao Hip Hop, pela arte, como Paulo também menciona. Pesquisar o Movimento Hip hop, também dialogando com professora Maria Laura, é discutir Movimento Negro Educador e as intersecções, discutir sexualidade, gênero, o corpo negro em movimento, o que também significa pensar a vida. Isso é o Movimento Negro Educador. Ele nos ensina a pensar sim, as reivindicações, as denúncias, e também os anúncios de possibilidades e de transformações. E, sem dúvida alguma, essa mirada é extremamente importante para nós negros e negras. Pensar como nós produzimos conhecimento e produzir conhecimento é produzir vida. Dentro e fora dos espaços de educação formal pelos quais circulamos, educamos aos outros e nos educamos.

PMSJ: Como o mesmo movimento se conecta com a pesquisa? Acredito que é uma simbiose. A pesquisa se conecta com o movimento ao mesmo tempo que o movimento se conecta com a pesquisa. Percebo que a partir do momento que eu trago para os meus alunos ou para as minhas pesquisas, a representatividade negra, quem são os negros que nos antecederam, como eles trabalharam, como lutaram, como abriram o caminho para que nós pudéssemos estar aqui nesse momento, vejo que isso já é uma conexão, e é o que a Analu disse. É uma conexão de vida. Hoje consigo ser vice-diretor da Escola de Dança do Theatro Municipal. Um corpo negro dentro de uma estrutura eurocêntrica, onde consigo trabalhar a problematização e desconstrução dessa cultura para que eles possam conhecer novos corpos, e para que esses corpos possam ocupar espaços. Isso é uma linha de pesquisa

oposta a da Analu, quando ela fala sobre o hip hop, a valorização de uma cultura que é negra, eu trato do direito deste negro ocupar e vivenciar outras culturas, que é de, por exemplo dançar o Lago dos Cisnes, dançar o ballet clássico, e que temos que desconstruir e problematizar essa visão de modelo de corpo, de modelo de pensamento único naquele espaço. Isso porque um Abdias do Nascimento esteve por ali junto com Ruth de Souza, Mercedes Baptista, pessoas começaram a abrir esse espaço de transformação, para a emancipação. O Movimento Negro, nos ensina que para que possamos ocupar esses espaços, também temos que trabalhar as diversas possibilidades de conhecimento. Acredito que essa é uma das questões que me marca muito na luta do Movimento Negro. Retomo nesse Movimento Negro, pensando a partir também não só em Nilma Lino Gomes, mas a um passo atrás com referências como Abdias do Nascimento, Ironides Rodrigues, todos os que iniciaram o Teatro Experimental do Negro. Precisamos trabalhar o conhecimento nas múltiplas vertentes para poder dialogar com quem tem esse domínio do conhecimento, dito eurocêntrico, ou daquele momento, de 1945, dito erudito. Então acredito que, a conexão Movimento Negro e pesquisa, pesquisa e Movimento Negro, é um caminho único, pois ambos se encontram, interconectam o tempo inteiro. Eu não posso, mesmo na Educação Básica, deixar de falar sobre isso, o que eu acredito que seja uma educação antirracista na escola, principalmente na escola pública, formada pela maioria negra. Eu atuo na periferia de Duque de Caxias, e a maior parte dos alunos é negra. Eles precisam ver, conhecer, ter uma visão de possibilidades de futuro, de sonhos. Portanto, o Movimento Negro, nesse momento, também se conecta nisso. Esses negros, que antecederam, são os referenciais para a continuidade desse trabalho. Porque quando entro na sala de aula, seja escrever ou para trabalhar com meus alunos, dentro do Theatro Municipal ou ainda em eventos em comunidades negras, creio que não estou sozinho. Acredito que esses que nos antecederam da Frente Negra Brasileira, principalmente no meu caso, no Teatro Experimental do Negro, na Luta do Congresso Negro de 1950, todos esses nomes nos acompanham. Porque foram eles que abriram caminho para que

pudéssemos estar aqui hoje, ocupando espaços como as Universidades e o Teatro Municipal. A conexão da minha pesquisa, se dá nisso.

ALSS: É interessante. Ouvindo o Paulo, fui fazendo conexões. Ao pesquisar o movimento *hip hop*, dentro desse processo, elaborei juntamente com participantes da pesquisa, o conceito de Letramentos de Reexistência, o que necessariamente requer repensar os usos sociais de linguagem, desafiando o discurso do lugar cristalizado que nos querem impor. A ideia de Letramentos de Reexistência vai para outro caminho pois interessa não apenas pensar a linguagem como ação para dar respostas às opressões, mas principalmente, gestar caminhos, estratégias e possibilidades internas e coletivas para dentro desse grupo socialmente minorizado Temos direito a tudo que foi socialmente construído e mais, questionando e propondo outras trajetórias a despeito de. Então o Letramentos de Reexistência com a proposta de visibilizar histórias ainda pouco contadas se apoia no tripé: letramento escolar, não sem problematiza-lo, no letramento cotidiano, que circula nos *outdoors*, nas ruas, nas camisetas, em tudo, em todos os lugares e, principalmente, em um letramento que podemos chamar de letramentos negros, dialogando professor do Instituto de Letras na UFBA, com meu amigo irmão José Henrique Freitas, esse conceito requer que a gente redescubra e conte a nossa própria história. Evidentemente, nossa arte, cultura política, economia, Então, Letramentos de Reexistência tem essa possibilidade e necessidade de dizer: “queremos tudo!”, mas também o tudo com algumas modificações, do que queremos, precisamos, enfim. Atualmente, tenho me interessado por estudos sobre Ações Afirmativas na forma de cotas no ensino superior, principalmente no que diz respeito à condição de permanência de sujeitos negros dentro das Universidades brasileiras, que está para além do que se pensa muitas vezes que são as bolsas, que é a alimentação. Nós queremos pensar também nessas pesquisas sobre as questões epistêmicas e, em meio a isso, como nossos corpos levam outras referências para dentro da Universidade. Como nós estamos ali também disputando narrativas, noções do que é conhecimento, metodologias, modos de escrever as formas de contar essas histórias, são os

autores, as autoras, os conceitos que colocamos para circular. Tenho feito esse movimento de pensar quais são os efeitos das Ações Afirmativas dentro das Universidades, mas também as Ações Afirmativas que estão para além dos diplomas. Porque para nós, um diploma de ensino superior é muito, mas esses diplomas tem outros efeitos. Tem efeitos dentro das nossas casas, nas vizinhanças.... Comemoramos essa chegada à Universidade, mas queremos também uma outra Universidade. E, sem dúvida alguma, a juventude tem verbalizado isso. A juventude tem nos dito: "Mas que autor é esse que você está indicando para ler?" "Eu também quero te apresentar um outro autor, uma outra autora." Porque este letramento hoje, esse Letramentos de Reexistência, esse letramento acadêmico, ele traz também outras possibilidades de sermos professoras e professores dentro das Universidades numa perspectiva mais dialógica. As Ações Afirmativas pressionam as agendas de pesquisa dentro da Universidade. Então é uma outra possibilidade que nós temos com todos desafios, sejam os cortes orçamentários, a precarização cada vez maior das Universidades. Mas nós temos, nós, negros, negras, indígenas, LGBTQIAPN+. Nós temos hoje uma explosão nisso que a gente pode pensar como novos corpos dentro das Universidades. Os efeitos não estão somente dentro das Universidades, ainda que a gente não perceba que esses muros estão se desfazendo e outras fronteiras estão sendo criadas. Sem dúvida alguma, isso é uma conquista do Movimento Negro Educador. Porque se nós falamos de Ações Afirmativas, se falamos hoje da Lei LDB modificada nos seus artigos 26-A e 79-B pela Lei 10.639 nós estamos falando de efeitos das lutas do Movimento Negro Educador ao longo dos tempos. Queremos mais, mais e mais. Mas essa é uma possibilidade para pensarmos e escrevermos sobre. Estamos aqui escrevendo já num outro formato, que anteriormente não poderia ser pensado como um trabalho acadêmico científico. Estamos usando a oralidade, nossos corpos, nossos sorrisos e fazendo isso com alegria, que eu acredito que é muito importante também pensarmos que quando estamos aqui com essa forma de produzir conhecimento de dentro do Movimento Negro Educador vamos lembrar da grande pesquisadora Azoilda Loretto da Trindade,

que vai dizer sobre os valores civilizatórios afro-brasileiros: a ludicidade, a circularidade, a ancestralidade, entre outros. Essa é uma outra forma de fazer ciência, ciência negra, uma ciência que se quer inclusiva, vamos dizer assim, para dialogar com a professora Laura.

PMSJ: Eu posso só fazer um adendo, Analu? Porque eu achei maravilhosa a sua colocação. E quando você coloca novos corpos negros, novos corpos nas Universidades, eu gostaria de ampliar esse pensamento, que são, novos corpos em diversos espaços culturais. Então acho que a gente está entrando, assim, a juventude está buscando espaços em diversos lugares e lugares que há 30 anos eram impensáveis. Que a gente não tinha coragem de passar na porta. E eu acho que isso é resultado da luta do Movimento Negro na base. Ou seja, você já cria alunos, e aí eu estou buscando para a Educação Básica, a gente já pega nossas crianças com cinco, seis anos e já começa a mostrar para elas. É possível. A minha geração, por exemplo, e aí eu trago espaços de cultura aqui no Rio de Janeiro, se você não conseguiria imaginar em alguns centros culturais, exposições de artistas negros, você não conseguiria imaginar em espaços de dança clássica e protagonizando balés. E agora você já tem negros buscando locais, ocupar espaços. E com você disse, é tudo fruto dessa luta do movimento negro. Foi só para poder ampliar seu pensamento, que eu achei muito interessante como você coloca essa frase "novos corpos na Universidade". E aí eu acho que a gente tem novos corpos em diversos espaços e até mesmo em espaços de poder na política. A quantidade de negros que a gente está vendo lutando para ocupar e, quando ocupam, lutando pelos nossos direitos.

MLP: Bom, obrigado, Paulo. Obrigada, Analu. Bom, me respondendo um pouco à pergunta, mas também ao que Paulo e Analu disseram, o Movimento Negro Educador e o trabalho de Nilma chama justamente a pensar um pouco também, no meu caso, que a minha investigação é sobre as pessoas em situação de indigência e pobreza. Sobretudo, eu trabalho nas histórias de vida dessas pessoas e as representações que têm sobre si mesmas, sobre a pobreza, o trabalho, sobre suas condições familiares, sobre diferentes

projeções e também trabalho muito na área jurídica, na área justamente que tem a ver com as leis que os protegem. Por um lado, me interpela um pouco essa noção de corpo, justamente habitar um corpo e posicioná-lo. Porque na pobreza o corpo não é um diferencial. Um pode ser pobre e não se notar no corpo, ou seja, não necessariamente é visível no corpo. Então, como nas Universidades, na academia ou na alfabetização, um corpo pode dar conta de uma estrutura de pobreza ou de uma estrutura de uma pessoa que vive em situação de rua. E isso é uma questão bastante complexa, porque aqui, por exemplo, assim como a Analu estudou hip hop, ou estuda hip hop, aqui eu estudei muito a Cúmbia Villera que é um movimento musical que representou muitas pessoas que estavam em uma situação de muita vulnerabilidade, de muita pobreza na Argentina. Mas, lamentavelmente, foi um movimento que durou um tempo, mas depois foi muito espetacularizado, foi usado pela televisão, pelas diferentes mídias, como uma forma de, também, depois de estigmatização. Então, por um lado, resultou algo inovador e provocador e por outro lado, depois teve que sofrer todo esse tipo de estigmatização. Também em uma época em que na Argentina foi muito grave. Teve uma crise econômica mais ou menos igual à que temos agora, também houve muitas séries e muitos filmes realizados sobre pessoas que viviam situações de muita vulnerabilidade, ou seja, havia corpos que representavam essas pessoas, mas também ficaram confinados em uma época. Eu acho que isso me serve, sobretudo, para pensar como as pessoas em situação de pobreza e em situação, muitas delas, de rua podem transcender mais além do corpo. Porque no corpo não é visível o sofrimento que têm. Então, como fazer visível essa situação? E eu acho que é aí que entra mais o discurso, onde a palavra representa uma situação que no corpo não está representada. Que pode ter, às vezes, como uma imagem, digamos, estigmatizada também, de que é um pobre ou de que é uma pessoa na rua, mas que não necessariamente sempre é assim. E o outro que me interpelam, que me chamam, é a questão que também comentávamos com a Analu, das Ações Afirmativas. Nós trabalhamos muito para alcançar uma lei para pessoas em situação de rua, se trabalhou com pessoas dos padres das favelas (curas

villeros), de trabalhar com pessoas que estavam dentro do governo ou senadores. Lamentavelmente, em vez de uma lei, o que tivemos foi uma ação afirmativa. E uma ação afirmativa para uma pessoa que está em situação de rua é simplesmente poder acessar um banheiro público, poder ter um lugar onde passar uma noite, mas não soluciona a problemática estrutural dessas pessoas. Não soluciona o fato de que possam acessar uma casa, de que possam ter créditos para a casa, de que possam acessar a Universidade, de que possam ter acesso, inclusive, ao colégio primário, ou secundário. Embora a educação seja pública na Argentina, para poder estudar, não precisa comprar livros, ter fotocópias, viajar, pagar o transporte. Então, acho que a ação afirmativa é um pé, um primeiro passo para depois alcançar, se necessita realmente alcançar uma mudança mais estrutural.

PMSJ: Laura eu queria te fazer uma pergunta, já que a gente está nessa roda de conversas e são realidades diferentes. Porque você contou para a gente que você está trabalhando com pessoas em situação de vulnerabilidade. No Rio, na Bahia, no Brasil, não sei se Ana Lúcia vai concordar comigo, mas pobreza e vulnerabilidade têm raça, tem cor, principalmente se for negro, e mais retinto, tem gênero, né? Então, quando a gente fala em pessoas em situação de rua dos índices de pobreza, dos índices de violência, aqui no Brasil a gente pode racializar essa questão.

ALSS: Laura na Argentina, como a discussão tem acontecido?

MLP: Não. Não, porque não é uma questão de raça. Aqui não há uma questão de racialidade sobre a pobreza. Um homem pobre pode ter olhos verdes e ser loiro, com cabelo, digamos, ralo. Não, por isso, a corporalidade não o identifica. Sim, há uma vinculação entre, muitas vezes, o que aqui se chama moreno respectivamente, ou se chamam negros também, mas não se referindo à raça negra, mas a pessoas que têm o cabelo muito escuro e muito liso, com feições morenas que são mestiçagem, ou seja, uma mistura de europeus, que vieram da colonização da Argentina, com povos originários da Argentina. Então, ao se misturar, dão esta tipologia, digamos assim, a que muitas vezes se conecta com pessoas em situação de pobreza, porque muitas dessas pessoas,

justamente, como não são vistas como brancas, não gostam desses benefícios.

Agora, não quer dizer que não haja pessoas que têm esses rastros e ocupa, por exemplo, neste momento, a intendência da cidade de Buenos Aires. De fato, se chama Macri, dizem Blackri, Macri negro, porque não é como o primo que é loiro, é de pele morena e cabelo negro, mas está na governança da cidade de Buenos Aires. Então, mais o que define é se tem dinheiro ou não tem dinheiro. Como tem dinheiro, está neste lugar. Se não tivesse dinheiro, não estaria aí. Então, resumindo para sintetizar, o que essas conversas me dispararam é que teria que haver muito diálogo entre os diferentes movimentos, porque, no fundo, buscamos coisas muito parecidas. Buscamos modificações muito parecidas, mas desde uma separação identitária bastante forte, que acho que talvez já passamos essa etapa de muita necessidade de identificação, de criar uma identidade e mais, e que agora sim podemos dar o segundo passo, que é dialogar com outras identidades. Como dizia Analu, ser inclusivos com outras identidades, além de termos em conta uma visão interseccional, abrir um diálogo interseccional, fazer-nos uma maioria, uma maioria que luta por diferentes minorias, mas mais universal.

PMSJ: Outra pergunta então: *Como o Movimento Negro Educador se liga aos contextos contemporâneos no seu modo de pensar.*

ALSS: A pergunta feita agora me permite continuar esse diálogo tão produtivo. Quando Laura coloca que na Argentina não tem essa pobreza ou racialização de pobreza e aqui para nós no Brasil quando se trata da luta pela garantia de direitos cada vez mais ganha ênfase a necessidade de racializar a pobreza. Por quê? Hoje nós temos aqui uma realidade captada pelos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística que, pela autodeclaração, indica mais de 50% da população na categoria negra. E aqui chegamos a esse número em decorrência dos efeitos da reivindicação de determinados setores dos movimentos negros que lutaram para que o Brasil negro fosse a junção de pessoas pardas e pretas como negras. Isso nos possibilita pensar políticas públicas voltadas especificamente para a população negra. Quem morre? Onde morre? Como morrem as pessoas negras? Esse dado permite brigar por dentro das políticas públicas por direitos, por orçamentos voltados, por exemplo, para

a segurança, para a saúde. Quando nós queremos pensar aqui no Brasil em termos de educação, lembro do Paulo dizendo: “ah, eu já tenho na Educação Básica, com cinco anos, o menino dizendo eu quero ser tal pessoa, quero fazer tal coisa.” ...Eu vejo o sonho. Então, fico pensando que essa conversa está nos dizendo que os dados nos permitem sonhar. Os dados de Instituto Brasileiro de Geografia Estatística – IBGE, que dá mais de 50% da população como população negra e, ao mesmo tempo, os dados de Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB, do Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB, que são pesquisas que mostram que na educação, por exemplo, a população negra ainda não usufrui igualmente de todos os direitos. Pelo menos pensando no direito à educação. Mas...Isso é guerra, é luta, mas é sonho também. A gente quer alcançar isso aí. E quando nós estamos falando em política aqui no Brasil, é de uma política que passa muito arte, pela cultura. A nossa cultura é a política em movimento, é a cultura na alimentação, é a cultura na linguagem, é a cultura no cotidiano, é a cultura da proteção dos corpos. Eu vejo que hoje a gente consegue pensar mais nas possibilidades. Estou querendo aqui fazer uma viagem, que não sei se vou conseguir fechar, mas é o Movimento Negro Educador, ele nos ensina a sonhar. Acho que ele nos ensina a sonhar e a arte coloca a gente para sonhar. Mas talvez, Paulo, não é só a arte do Theatro Municipal, mas a arte de preparar uma boa refeição com aqueles alimentos que nós aprendemos com as nossas avós serem alimentos saudáveis. Eu ouvi Paulo falando que vai para Minas... Como é que fazemos a arte no nosso prato com aquela polenta maravilhosa? Aquela couve picada, aquele feijão batido. Precisamos entender que isso é muito melhor que o salgadinho industrializado. Então hoje começamos a voltar às raízes, às nossas ancestralidades, às nossas referências. Eu, por ter uma família mineira de uma história que vem lá de São João da Chapada, em Diamantina, Minas Gerais, entendo que a nossa luta não pode ser uma luta somente no grito. Mas também é uma luta de astúcia, de sagacidade, de coletividade. Ela é uma luta que nos faz celebrar com mais de 50% da população negra do IBGE nos dizendo, somos um país negro. Em

contrapartida tem um SAEB que diz que temos problemas, mas como é que pensamos, por exemplo, a amplitude e a diversidade de abordagens aqui desse nosso projeto de cooperação? Como turismo, por exemplo, como pensamos a inteligência artificial. Tudo isso na chave do Movimento Negro Educador. Essa é uma grande sacada. Eu creio que na contemporaneidade, nas contemporaneidades periféricas como nos ensina Jorge Augusto (2018), também reinventamos esse Movimento Negro. Que educa.

PMSJ: Deixa só entrar aqui agora. Porque quando você coloca isso, eu acho que, assim, é vida. Não é só a culinária, não é só...A dança, ou o corpo não é só esse movimento, mas a gente aprende com o Movimento Negro dentro desse contexto contemporâneo, a conhecer e reconhecer no outro. A valorizar esse outro. Ao olhar, por exemplo, para você, para... “Nossa Analu, como o seu cabelo está bonito!” “Nossa, como você é bonita!” Eu acho que a gente aprende isto. Eu acho que essa é a arte de você reconhecer a beleza, reconhecer o sabor, reconhecer a vida e tudo aquilo que é do nosso povo. Coisa que assim, teríamos vergonha ou a gente não saberíamos admirar há uns anos atrás. Por exemplo, estou falando de coisa de 50, 40 e tantos anos atrás. Como admiraríamos nosso cabelo, o nosso nariz, admirar o nosso outro. Eu acredito que a contemporaneidade nos ajuda a nos admirarmos. Já que você falou de Minas, frango, angu e quiabo, colocado num prato muito bem servido, eu acredito que hoje a gente consegue admirar esse sabor, admirar essa culinária. Admirar a existência do outro, do modo de falar, do modo de andar. Então, acredito que a contemporaneidade, o movimento, só seguindo o que você falou, ele nos conecta a isso. E conecta o que eu creio mais importante, a juventude, as meninas, os meninos de hoje eles conseguem admirar e conseguem lutar pela vida. Porque quando você começa a ver os dados, seja da pobreza, os dados tristes das vítimas de violência, ou seja, consegue ver também a juventude negra lutando para reverter esses quadros. Então, acho que assim, ao mesmo tempo que você vê na contemporaneidade, a admiração pelo que é nosso, pelo que é dessa cultura, desse povo negro, a luta por poder estar em todos os espaços e a luta para reverter quadros tristes da nossa sociedade,

seja no campo da educação ou no campo da saúde, ou da violência. Eu acho que essa é a grande conexão do Movimento Negro, às questões da contemporaneidade.

MLP: Obrigada, Paulo. Obrigada, Analu. Bem, falando de dados e números, na Argentina, há pouco tempo, tínhamos uns 54% de pobreza. Entendo a preocupação do Brasil, mas para nós, a maioria das pessoas é pobre. E a outra questão é que, por exemplo, algumas pesquisadoras, como a Corporação Latino Barômetro, dizem que a maior preocupação da América Latina é a pobreza. A situação do Brasil é, digamos, muito particular em relação à porcentagem, como disse a Analu, de negros. Mas, bem, eu me ocupo, sobretudo, das pessoas que estão nessa situação de pobreza e, sobretudo, de pobreza estrutural, que também ocorre no Brasil e em outros países da América Latina. E, nesse sentido, é uma proporção muito grande do nosso continente. Bom, respondendo um pouco à pergunta, acho que nós também temos que pensar um pouco como nossos...trabalhos nos movimentos, ou como os estudos que podemos fazer do discurso, nos conecta com uma problemática sul-sul. Ou seja, uma problemática que está ligada não somente ao continente americano ou latino-americano, mas também ao africano, ao asiático, que também se sentem muitas vezes como conectados. Eu trabalho muito com o professor Shi-xu e o professor Prah. O Shi-xu é um professor da China e o Prah é um professor africano, que justamente têm problemas comuns, que também estudam a parte cultural, como diz também a Analu, que juntam o cultural com o discursivo. Muito desse trabalho está orientado, sobretudo na África, à problemática da alfabetização, como alfabetizar para uma cultura negra, onde há um movimento negro educador. Nisso, o professor Prah é um professor muito reconhecido nesse tipo de trabalho. E acho que, justamente, nós chamamos de paradigmas orientais, o paradigma cultural que compartilha a América Latina com a China e com a África. Também abre um diálogo, esse diálogo sul-sul, que permite sair um pouco da problemática, talvez, mais fechada, mais enquistada em nossas próprias olhadas e ver também o que acontece em outros continentes que também estão, por exemplo, o continente

africano está muito ligado à problemática da questão negra no Brasil e que têm, digamos, outro tipo, muitas vezes, de postura e de olhada que podem enriquecer nossa academia e nossos trabalhos. Outra das questões é que talvez do ponto de vista social e político, estamos nos enfrentando a novas direções que se sentem, de alguma maneira, interpeladas por todos esses movimentos e que...estão constituídas por pessoas, às vezes, que se sentem afastadas ou isoladas dos movimentos que buscamos uma identidade, buscamos encontrar um espaço no aspecto social e político dos nossos países. Acho que isso também deveríamos pensar muito, qual é o nosso papel em relação a esse direcionamento que o mundo nos propõe e uma possível finalização da etapa de globalização.

MLP: Olha, creio que cabe a mim a última pergunta. A abrir a última pergunta, que é: *Com que linguagens esse movimento conversa ou poderia conversar com a sociedade?*

ALSS: Olha, creio que se pensarmos que esse movimento é educador da sociedade como está nos artigos da professora Nilma Gomes, educa a sociedade e educa a si mesmo. Ele se inscreve num cenário de alterações no que se refere à identidades, é possível vislumbrarmos os efeitos estéticos, corpóreos. Parece que há muitas possibilidades, ainda que tenhamos muitas interdições e cerceamentos. Mesmo que não tenhamos essa declaração pública, existem as possibilidades Essas possibilidades são reinventadas cotidianamente. Às vezes não pelo Estado. Temos uma reinvenção de saberes e de possibilidades. Trago a questão da reexistência em diálogo com o que traz o rapper GOG, Genival Oliveira Gonçalves quando ele diz que "*A saída é para dentro*". Os próprios grupos estão buscando as suas saídas, não individualmente. Nunca é um individual, mas coletivamente. É num sujeito coletivo que nós podemos pensar hoje. E pra mim, fazendo alusão e trazendo aqui o evento gigante em curso, agora em 2025 e que extrapola o Brasil até a América Latina, pensando o mundo que é a Marcha das Mulheres Negras que acontecerá em novembro próximo Quem senão as mulheres para pensar nessa linguagem de lida e de luta? Para pensar essa reexistência, essa reinvenção de

cotidianos? Não à toa, quando a gente pensa nas políticas redistributivas no Brasil, os cartões para sacar os valores estão na mão dessas mulheres. São elas que garantem que eles cheguem onde tem que chegar. Nas miudezas do cotidiano temos as tragédias, temos os revezes, mas temos também essa coragem de chamar pelas mudanças. Essa movimentação reinventa cotidianos. Acredito que possamos dizer que são os novos saberes dos movimentos negros fazendo vozes de não mais silencio. Quer ver outra coisa? Temos acompanhado aqui derrocadas de partidos políticos clássicos e ao mesmo tempo tem partidos novos, são mil arranjos. E a grande novidade está com as mulheres. As mulheres é que podem trazer essas novidades para a nossa política. As mulheres negras, as mulheres indígenas, as mulheres trans, as mulheres empobrecidas, para trazer Maria Laura aqui para conversa. Temos que prestar atenção na Marcha das Mulheres Negras que pode ser um grande *led* para olharmos onde estão os novos saberes dos movimentos negros educadores no Brasil. E pensar as nossas meninas, nossas mulheres. As nossas meninas hoje, na escola, já sabem que há uma lei sobre a dignidade menstrual. Se não paras para as meninas negras, para quais? Na área de pesquisa, estamos na pesquisa implicada e aplicada, na pesquisa escrita na nossa vida, esses são campos de pesquisa que chamam todo mundo pra pesquisar. Temos esses novos saberes nessa ciência que é uma ciência muito colada no cotidiano. Assinamos, publicamos, e dançamos essa ciência. É muita coisa nova, dolorida, e bonita também. E nos coloca para celebrarmos, não é? Temos a arte, a oralidade, a nossa gestualidade - ninguém pode segurar a nossa mão pra falarmos mais alto.

PMSJ: Eu concordo plenamente com você, Analu. Tanto que quando começo a pergunta eu queria falar o seguinte, a gente comunica com o corpo. É o nosso corpo que entra, é o nosso corpo que expressa os nossos desejos, é o nosso corpo que expressa todos os nossos sentimentos. E aí, pra continuar isso, você me provocou a pensar algumas coisas que eu queria pensar com vocês. Tudo que você traz é óbvio, pensando a nossa história, a nossa cultura, ela vem de uma sociedade matriarcal, vem das matrilinearidades. Mas a gente

não pode se esquecer desse caminhar com os homens negros. Eu acho que temos a Marcha das Mulheres, mas é uma luta coletiva em prol do povo negro, em prol do nosso povo. Por que eu, por exemplo, acho muito interessante como você coloca a questão das meninas, precisamos pensar nas meninas, mas eu venho com uma luta nas escolas e na educação, para pensar também a partir dos dados, que os meninos, os meninos negros, são aqueles que mais abandonam as escolas os piores resultados estão com os meninos negros, nos conselhos de classe, os menos questionados, os menos discutidos, são os meninos negros os primeiros a abandonar a escola são os meninos negros. E as políticas públicas, que eu já acho que é um grande avanço, que são fruto das lutas, das vitórias, elas acabam não pensando nesses meninos negros, nesses homens do amanhã. E acabam nos ligando... Também eu acho que foi um erro do passado, os nossos antecessores, quando eles se viram homens, se ligaram ao patriarcado hegemônico. E aí os distanciou...Só que nós também precisamos pensar nesses espaços desses homens do amanhã, os jovens negros. Uma coisa que me incomoda muito, por exemplo, é a atual política da juventude negra no Brasil. Os dados dos mortos, quem morre, as mortes violentas, são dos homens negros de 14 a 17. E aí a política, tem uma política para todos? E aí, quando você vai pensar nesse homem negro? Nesse menino que morre. Os dados nos mostram, quem abandona as escolas são os meninos negros. As meninas negras, elas estão abaixo dos homens brancos e das mulheres brancas, mas em termos de escolaridade. E aí agradeço a todos, a política já está contemplando essas meninas. Programa de cientistas negras, uma série de programas que já estão contemplando. E aí eu me pergunto, e esses meninos, esses homens do amanhã? E os homens negros como eu, não aprenderam? A gente precisa pensar nesses homens do amanhã. Então assim, só para comentar que eu concordo, e acho que a marcha das mulheres vai ser fantástica. Mas dentro dessa marcha das mulheres, eu coloco que não podemos esquecer que é uma luta de mão dadas. Que não podemos esquecer, principalmente, esses jovens negros, esses meninos negros que serão os homens de amanhã. E aí eles precisam de políticas de saúde. Eu acho

maravilhoso, por exemplo, a política dos absorventes das meninas. E as políticas de sexualidade dos homens? Ou seja, vai, usa camisinha, pronto e acabou. Mas será que é só isso? E as outras questões que acontecem com esses meninos negros e com esses homens que eu acho que a gente também precisa pensar. Mas eu acho que assim, a forma de comunicar toda a nossa luta, a arte é o grande caminho. Mas essa arte como um todo, que você falou, essa arte com o corpo, essa arte que está na dança, que está na alimentação, que está no pensar, que está na vida. Viver é uma grande arte e que o movimento negro nos ensina o tempo todo, precisamos valorizar o viver e o conviver com o outro.

MLP: Bem, sim. Não vou dizer muito mais porque já disse com que linguagem temos que lidar, acho que temos que abrir, dialogar, fazer um diálogo entre movimentos e sul-sul. Mas, sobretudo, quero em nome de todos, agradecer pelo apoio ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, que fez e possibilitou que este projeto e esta investigação fossem realizados. Muito obrigada a todos. Muito obrigada, Analu. Muito obrigada, Paulo. Muito obrigada a toda a gente que está atrás deste cenário ajudando-nos a fazer esse trabalho com nossas entrevistas. Obrigada a todos.

ALSS: Gente, muito boa a nossa conversa. Agradeço também essa oportunidade.

PMSJ: Ótima a nossa conversa. Eu também só tenho que agradecer. Agradecer ao CNPq por essa oportunidade. E quero dizer mais uma vez que aprendi muito com Maria Laura, com a Analu. Foi um grande prazer poder estar aqui com vocês. Uma boa tarde para todas, todes e todos.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, oferecemos uma síntese analítica derivada do diálogo acadêmico que mantivemos sobre o “Movimento Negro Educador” (MNE), cunhado pela professora Nilma Lino Gomes. Esse marco teórico funciona como

um eixo articulador para compreender as lutas, os saberes e as práticas de resistência das populações negras, não apenas como reação à opressão, mas como uma força pedagógica que transforma a sociedade como um todo. Exploramos a natureza multifacetada do MNE, seus instrumentos de luta e sua relevância nos contextos contemporâneos do Brasil e da Argentina. Buscamos tornar visível a capilaridade do conceito, sua influência e sua capacidade de gerar conhecimento e ação em arenas tão distintas como a linguística, as artes cênicas e os estudos sobre vulnerabilidade social. Esse diálogo multidisciplinar revela uma rica diversidade de abordagens que, longe de fragmentar o conceito proposto por Gomes, demonstram sua robustez e pertinência.

A professora Ana Lúcia Silva Souza vincula o MNE aos usos sociais da linguagem como forma de luta política. Seu trabalho com a cultura hip hop, que considera uma manifestação contemporânea do Movimento Negro, evidencia como o discurso e a arte se transformam em meios para construir identidade e anunciar novas possibilidades. Para Souza, o hip hop é ao mesmo tempo cultura, política e uma continuação histórica da resistência iniciada na travessia do Atlântico.

O professor Paulo Melgaço da Silva Junior conecta o MNE ao seu trabalho com a dança clássica e à sua análise do legado do Teatro Experimental do Negro. O enfoque de Melgaço centra-se na ocupação de espaços historicamente eurocêntricos, como o Theatro Municipal, como um ato de emancipação. Para ele, o movimento inspira não apenas a criação de culturas próprias, mas também o direito de interpretar e habitar “toda e qualquer” expressão cultural, desconstruindo o modelo hegemônico de corpo e pensamento.

A professora Maria Laura Pardo amplia a aplicabilidade do conceito ao propor que outros movimentos, como o das pessoas em situação de rua na Argentina, também podem ser considerados “educadores”. Sua análise ressalta a necessidade de um diálogo sul-sul entre essas lutas, reconhecendo que, embora compartilhem objetivos de visibilização e transformação estrutural,

operam em contextos sociopolíticos distintos, o que exige estratégias diferenciadas, porém complementares.

Essa amplitude de possibilidades de aplicações e análises demonstra que o MNE não é um conceito monolítico, mas um marco dinâmico que se alimenta e se redefine por meio das em meio aos seus usos e expressões, como a arte, o corpo e o discurso.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Elaine Nunes de. *Movimento negro juvenil*: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo. 1996. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996. Acesso em: 04 ago. 2025.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – Língua Estrangeira. Brasília, MEC/SEF. 1998.

CHIMAMANDA, Adichie. *The danger of a single story*: talk presented at an official TED conference. 2009. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=en> . Acesso em: 05 jun. 2025.

ENGESTRÖM, Yrjö. From design experiments to formative intervention. *Theory & Psychology*, v. 21, n. 5. SAGE: p. 598-629. 2011.

GOMES, Nilma Lino. Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: *Vozes*, p. 133-154, 2017.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Editora Aleph. 2008.

MARTIN, Allan. Digital Literacy and the “Digital Society”. In: Lankshear, Colin; Knobel, Michele (orgs). *Digital Literacies*: Concepts, Policies and Practices. Nova York: Peter Lang, p. 151-176, 2008.

MOITA LOPES, Luiz Paulo; BASTOS, Liliana Cabral. *Para Além da Identidade*: Fluxos, Movimentos e Trânsitos. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 9-14, 2010.

NASCIMENTO, Abdias; NASCIMENTO, Elisa Larkin. Reflexões sobre o movimento negro no Brasil, 1938 a 1997. In: HUNTLEY, Lynn; GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. *Tirando a máscara*: ensaios sobre o racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, p. 203-236, 2000.

PARDO, María Laura. Decolonização do conhecimento nos estudos do discurso, In: RESENDE, Viviane de Melo (org.). *Decolonizar os estudos críticos do discurso*. Brasília: Pontes, p. 47-62, 2019.

PARDO, María Laura. Una mirada hacia los estudios descoloniales y sus impactos en la educación y la enseñanza de lenguas y literaturas: diálogo con María Laura Pardo. Entrevista realizada por Tatiana Lourenço de Carvalho, Dina Maria Machado Andréa Martins Ferreira y Lucineudo Machado Irineu. *Revista Leia Escola*, v. 22, n. 1, abril 2022, ISSN 2358-5870, 2022.

SHI-XU, Kwesi Kwaa Prah; PARDO, María Laura. *Discourses of the developing world*: Researching problems, complexities and aspirations. Oxford. UK: Routledge. Taylor and Francis Group. 2016.

SILVA, Jorge Augusto (Org.). *Contemporaneidades periférica*. Salvador: Editora Segundo Selo, 2019.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da; BORGES, Leandro da Conceição. Adolescentes negros moradores das periferias urbanas do Rio de Janeiro: entre escola, gênero, masculinidades, raça, violência e vivências. *Revista Latino Americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 3-21, 2018. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/11888>. Acesso em: 29 jun. 2025.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da; MELGAÇO, Matheus. Palco (in)visível: os corpos negros no Theatro Municipal. In: WILD, Bianca de Moura; FIGUEIRA, Arlene da Fonseca; ARAÚJO, Hélio Rosa de; SILVA, Rosilaine Souza de Araújo da. *Conexões asas e raízes*: Ancestralidade, Representatividade e Resistência. Rio de Janeiro: Ecomuseu Sepetiba, p. 142-162, 2020.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. Homens negros por vir: jovens pretos e um futuro em construção. *Letramento Socioambiental*, Atibaia, v. 2, n. 4, p. 19-31, 2024.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência*: poesia, grafite, música, dança: Hip-Hop. São Paulo: Parábola Editorial. 2011.

SPINOZA, Baruch. *Ethica Ordine Geometrico Demonstrata*. Iniciado em Rijnsburg e finalizado em Haia em 1675. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/gu000919.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

Recebido em: 12/03/2026

Aprovado em: 11/08/2026